

A folga organizacional e as metas de lucros na assimetria de custos: um estudo sobre os efeitos da crise mundial de 2008

Luana Sara Bizatto (FURB) - luanasarabizatto@hotmail.com

Nelson Hein (FURB) - hein@furb.br

Resumo:

O entendimento em relação ao comportamento dos custos contribui nas decisões da empresa para que, entre alguns de seus auxílios, propicie a maximização do nível de rentabilidade, além da manutenção e sobrevivência das organizações, principalmente em situações de crise, como evidenciado por exemplo na crise mundial de 2008. Desta forma, a pesquisa tem como objetivo verificar se assimetria das receitas especialmente quando os gestores tem incentivos para cumprir metas de lucros influencia a assimetria dos custos das empresas listadas na Bolsa

de Valores, Mercadorias e Futuros - BM&FBovespa especificamente em período de crise. A pesquisa se caracteriza como descritiva, com abordagem quantitativa, na qual é utilizado uma adaptação do modelo de Kama e Weiss (2013) para atender ao objetivo da pesquisa. Os resultados apontam que a Folga Potencial, especialmente no período da crise mundial, influenciou significativamente na Assimetria dos Custos. Contudo, após o período de crise, a Folga Potencial não teve o mesmo impacto. Portanto, conforme resultados, as organizações podem atentar mais a Folga Potencial, com o intuito de reduzir os impactos negativos gerados em situações de crise. Como resultados adicionais, verificou-se também que a influência da assimetria das receitas, associada com incentivos de gestores para o cumprimento de metas de

lucros na assimetria de custos é alterada significativamente no período da crise mundial. Enquanto a associação entre a assimetria das receitas interada com incentivos ao cumprimento

de metas de lucros e assimetria de custos é negativa, com a consideração da crise mundial, verificou-se que essa associação torna-se positiva.

Palavras-chave: *olga Organizacional, Metas de Lucros, Assimetria de Custos, Crise Mundial de 2008.*

Área temática: *Contribuições teóricas para a determinação e a gestão de custos*

A folga organizacional e as metas de lucros na assimetria de custos: um estudo sobre os efeitos da crise mundial de 2008

Resumo

O entendimento em relação ao comportamento dos custos contribui nas decisões da empresa para que, entre alguns de seus auxílios, propicie a maximização do nível de rentabilidade, além da manutenção e sobrevivência das organizações, principalmente em situações de crise, como evidenciado por exemplo na crise mundial de 2008. Desta forma, a pesquisa tem como objetivo verificar se assimetria das receitas especialmente quando os gestores tem incentivos para cumprir metas de lucros influencia a assimetria dos custos das empresas listadas na Bolsa de Valores, Mercadorias e Futuros - BM&FBovespa especificamente em período de crise. A pesquisa se caracteriza como descritiva, com abordagem quantitativa, na qual é utilizado uma adaptação do modelo de Kama e Weiss (2013) para atender ao objetivo da pesquisa. Os resultados apontam que a Folga Potencial, especialmente no período da crise mundial, influenciou significativamente na Assimetria dos Custos. Contudo, após o período de crise, a Folga Potencial não teve o mesmo impacto. Portanto, conforme resultados, as organizações podem atentar mais a Folga Potencial, com o intuito de reduzir os impactos negativos gerados em situações de crise. Como resultados adicionais, verificou-se também que a influência da assimetria das receitas, associada com incentivos de gestores para o cumprimento de metas de lucros na assimetria de custos é alterada significativamente no período da crise mundial. Enquanto a associação entre a assimetria das receitas interada com incentivos ao cumprimento de metas de lucros e assimetria de custos é negativa, com a consideração da crise mundial, verificou-se que essa associação torna-se positiva.

Palavras-chave: Folga Organizacional, Metas de Lucros, Assimetria de Custos, Crise Mundial de 2008.

Área Temática: Contribuições teóricas para a determinação e a gestão de custos.

1 Introdução

As crises internacionais normalmente apresentam um efeito negativo sobre o dinamismo econômico dos países, em que como algumas das consequências consiste nos impactos negativos sobre a bolsa de valores e a desvalorização do câmbio. No contexto empresarial, a presença da crise financeira tende a elevar o nível de incerteza do gestor quanto as decisões sobre o desempenho. Especialmente a crise econômica após o ano de 2008, por exemplo, possibilitou a entrada de multinacionais no Brasil, como também o processo de fusões e aquisições com o intuito de melhorar o desempenho das empresas brasileiras.

Uma das consequências da crise é queda nas vendas, em que segundo Anderson, Banker e Janakiraman (2003), especialmente a queda na demanda tende a ser mais persistente em períodos em que há contração econômica do que em períodos de crescimento econômico. Conforme as circunstâncias de crise, umas das maneiras estratégicas para lidar com esta situação consiste em estabelecer metas de unidade de negócios, com o intuito de reduzir os efeitos negativos que são propiciados. Kama e Weiss (2013) argumentam que os gestores estão mais pressionados em relação as metas de lucros quando há diminuição das vendas.

Com esta finalidade das empresas evitarem perdas e possíveis diminuições em seus lucros, pesquisas empíricas como Dechow e Sloan (1991) mostraram que, uma das ações que os gestores podem recorrer trata-se da redução de custos. Porém, Kama e Weiss (2013) argumentam que na presença de incentivos para o cumprimento de metas de lucros quando há

queda nas vendas, os gestores estão mais propensos a cortar seus recursos, e desta forma não sendo tão necessária a redução de custos. Em sua pesquisa empírica, os autores constataram que o corte de recursos reduziu a assimetria dos custos quando há o cumprimento de metas de lucros. Assim, diferentemente da circunstância argumentada por Anderson, Banker e Janakiraman (2003), de que a Assimetria dos Custos está associada positivamente a Assimetria das Receitas, especialmente quando há incentivos para o cumprimento de metas de lucros, esta associação das Assimetrias pode ser negativa, uma vez que o intuito de cumprir metas pode propiciar que a Assimetria do Custo seja reduzida por meio do corte de recursos.

Contudo, a associação entre a Assimetria das Receitas e a Assimetria dos Custos também pode ser alterada em períodos de crise, mesmo com incentivos para cumprimento de metas de lucros. Em situações de crise, os gestores possivelmente evitem o corte de recursos para alcançar lucros com o intuito de se responder a diversos cenários, principalmente quando há uma variabilidade ambiental, os gestores das organizações podem recorrer as capacidades e excessos de recursos como forma de sobrevivência da empresa (GREWAL; TANSUHAJ, 2001). Desta forma, quando um empreendimento está insolvente devido a presença de crise, pode-se recorrer ao uso de folga não absorvida com o intuito de sobrevivência da empresa. Grewal e Tansuhaj (2001), argumentam que em situações de crise é provável que seja mais necessária as capacidades de flexibilidade estratégica, a qual é possível conforme o gestor aloca seus recursos. Portanto, tem-se como hipótese que a folga organizacional pode influenciar a Assimetria dos Custos em períodos de crise.

Segundo os argumentos expostos, esta pesquisa tem como hipótese que a Folga Organizacional influencia a Assimetria de Custos no período em que sucedeu a crise mundial. Desta forma, delinea-se a seguinte questão de pesquisa: qual a relação entre a Folga Organizacional e a Assimetria de Custos? Portanto, o objetivo da pesquisa é verificar se no período da crise mundial a Folga Organizacional influenciou a Assimetria dos Custos das empresas listadas na Bolsa de Valores, Mercadorias e Futuros - BM&FBovespa.

Anderson, Banker e Janakiraman (2003) e Porporato e Werbin (2012) reconhecem a importância de aprofundar a análise de outras variáveis que possam proporcionar mudanças no ambiente empresarial, uma vez que esses entendimentos contribuem para a compreensão do gerenciamento da contabilidade. Conforme os autores e literatura, estudos anteriores concentraram-se mais em analisar a relação do comportamento dos custos com o volume de produção, em que outras variáveis ainda possivelmente podem ser agregadas.

Especialmente esta pesquisa contribui no aspecto da presença de crise, pois segundo Girdzijauskas, Streimikiene e Mialik (2012), quanto mais for compreendido a sua natureza, mais facilmente serão evitados seus impactos negativos nas organizações.

2 Revisão da Literatura

2.1 Folga organizacional

A folga organizacional pode ser usada com várias finalidades, entre elas: minimizar conflitos no ambiente institucional, redução das necessidades de processamento de informação, comportamentos estratégicos, capacidade de reduzir preços aos compradores, excesso de dividendos aos acionistas e crescimento das subunidades e contratação de pessoal (BOURGEOIS, 1981). Barnard em 1938 foi o primeiro autor que discutiu o papel da folga. Entretanto, somente March e Simon em 1938 publicaram um livro o qual foi denominado como “Folga” (QUINTAS; BEUREN, 2011). Especificamente os estudos que se tratam de folga organizacional iniciaram com a publicação do livro *A Behavioral Theory of the Firm* (A Teoria Comportamental da Firma).

Conceitua-se de modo geral a folga organizacional como o excesso de recursos reais ou potenciais, a qual possibilita que a empresa modifique a sua estratégia em relação ao

ambiente externo e/ou se adapte às pressões internas (BOURGEOIS, 1981), ou conforme March et al. (1976), a folga organizacional é a diferença entre os recursos disponíveis e as demandas que estão presentes na empresa. Como normalmente a folga é relacionada com os recursos, muitas vezes esta também recebe a denominação de folga de recursos. Em relação a essa denominação, Danneels (2008) argumenta que a folga de recursos representa uma reserva de recursos as quais são importantes à continuidade das operações da empresa.

Em toda a organização e/ou partes dela pode ser visualizado a folga organizacional disponível para uso, das quais são representadas por exemplo por: nível de estoque, determinadas funções de funcionários, “excesso de pessoal”, excesso de capacidade em determinadas fases do processo de produção e reservas de caixa (BOURGEOIS, 1981; SHARFMAN et al., 1988). O grau de flexibilidade dos gestores, conforme Sharfman et al. (1988) dependem das diferentes funções que os tipos de recursos podem assumir, pois com maior número de papeis que a folga pode apresentar, amplia-se também o número de situações de aplicação. No trabalho de Bourgeois (1981), intitulado de “*On The Measurement of Organizational Slack*”, é sugerido indicadores para identificar a folga na organização, sem depender de muitos dados, os quais foram baseados em registros financeiros.

Em geral, a Folga Organizacional é classificada em Folga Disponível, Folga Recuperável e Folga Potencial. A Folga Disponível correspondem aos recursos que estão associados ao excesso de liquidez, e que ainda não fazem parte do desenho técnico da empresa (BOURGEOIS; SINGH, 1983; CHENG; KESNER, 1997), como por exemplo: capital de giro (folga que é investida em capital de giro), razão entre as despesas gerais, administrativas e de vendas e o valor de vendas (folga investida em salários, despesas), e razão entre vendas e o total de ativos (folga investida em ativos fixos e correntes) (GREENLEY; OKTEMIL, 1998).

A Folga Recuperável é composto por recursos que podem ser recuperáveis no curto e/ou no longo prazo, conforme Nohria e Gulati (1996). Diferentemente da Folga Disponível, os recursos relacionados a Folga Recuperável já foram absorvidos pelo sistema, porém podem ser recuperados em períodos posteriores (BOURGEOIS; SINGH, 1993; CHENG; KESNER, 1997). Entre as medidas de Folga Recuperável tem-se: razão entre as despesas gerais, administrativas e de vendas e o valor das vendas, que consiste em verificar qual a folga absorvida em salários, despesas entre outros custos administrativos (SINGH, 1986); liquidez corrente, obtida pela razão entre o ativo circulante e o passivo circulante e possibilita identificar qual é a capacidade que a empresa possui para gerar recursos líquidos conforme suas obrigações de curto prazo (GREENLEY; OKTEMIL, 1998); recebíveis (BOURGEOIS; SINGH, 1983); capital de giro (SINGH, 1986); estoques (BOURGEOIS; SINGH, 1983).

A Folga Potencial está relacionada a capacidade da empresa em adquirir recursos extras tais como empréstimo adicional e ações no mercado (BOURGEOIS; SINGH, 1993; CHENG; KESNER, 1997). Conforme Dimick e Murray (1978), empresas as quais possuem maior probabilidade de obterem empréstimos e capital de acionistas. Para a mensuração da Folga Potencial, existem algumas formas, como: razão entre o patrimônio líquido e o capital de terceiros, para detectar a capacidade da empresa realizar empréstimos (CHENG; KESNER, 1997; RUST; KATZ, 2002); razão entre valor de mercado e o valor contábil, para verificar a habilidade que a empresa tem para apresentar capital próprio adicional; razão entre capital de terceiros e capital próprio, que indica qual a capacidade futura para levantar empréstimos (BOURGEOIS; SINGH, 1983; GREENLEY; OKTEMIL, 1998).

2.2 Gestão de Custos “Pegajosos”

A elevação do desempenho das organizações e de sua sobrevivência tem dependido de planejamento futuro de suas produções. Para esta finalidade, a organização poderia recorrer a

um sistema de contabilidade de gestão a qual fosse capaz de fornecer informações de considerável importância. Aliás, devido a fatores como o progresso na tecnologia de produtos e as amplas flutuações nas taxas de câmbio, a busca por sistemas excelentes de contabilidade se tornam necessários (JOHNSON; KAPLAN, 1987).

Para o entendimento dos custos, Johnson e Kaplan (1987) argumentam que a alocação de despesas gerais relacionada somente ao trabalho direto podem distorcer os custos dos produtos. Nesse sentido, com a finalidade de se reduzir as distorções foram ampliadas as bases de alocação com a consideração de sistemas de custo baseado em atividade (ABC). Esse sistema ABC foi baseado no pressuposto de que os custos são alterados proporcionalmente às receitas (NOREEN, 1991). Contudo, posteriormente os autores Noreen e Soderstrom (1997) e também o trabalho de Cooper e Kaplan (1998) verificaram que alguns custos aumentavam mais com o volume das atividades do que eram reduzidos à medida que essas atividades diminuía, apresentando assim que possivelmente os custos são assimétricos. Na contabilidade gerencial, este comportamento assimétrico dos custos a qual ocorre conforme as mudanças nas atividades foi designado de “custos pegajosos”.

Malcom (1991) foi um dos primeiros trabalhos que conceituou os “custos pegajosos”, sugerindo que os custos são irregulares. Para explicar seus argumentos, o autor cita como exemplo a produção de uma organização, em que especialmente quando há crescimento na produção, são adicionados mais funcionários no intuito de atingir a demanda. Contudo, quando há uma queda na demanda, os funcionários não são demitidos imediatamente, e com essa demora na demissão em tal circunstância de queda é que são gerados custos irregulares.

Conforme a presença de “custos pegajosos”, Anderson, Banker e Janakiraman (2003) argumentam que no momento em que há uma demanda no mercado, as empresas são mais propensas a usar recursos com a finalidade de crescerem vendas. Entretanto, os gestores não tendem a utilizar recursos especificamente quando há uma redução no volume de receita de vendas, pois conforme os autores, geralmente a queda na demanda é temporária. Portanto, conforme as evidências constatadas por Anderson, Banker e Janakiraman (2003), se a queda da demanda não prevalecer por um tempo considerável, importa que o gestor avalie qual é o benefício de se cortar recursos da empresa, pois a alienação dos ativos é cara por envolver o pagamento de custos de vendas e perdas de investimento específicos à organização.

2.3 Crise mundial

A crise econômica de 2008 se diferiu de crises precedentes. Conforme Singer (2009), esta crise foi mais extensa e profunda quando comparada as crises ocorridas nas décadas de 1980, 1990 e 2000, pois foi estendida ao mundo inteiro, alcançando países desenvolvidos, semidesenvolvidos e não desenvolvidos. Além disso, pode-se dizer que essa crise teve um impacto maior que a crise ocorrida em 1929, ao alcançar maior efeitos nas dimensões econômicas e financeiras. Segundo Temiz e Gokmen (2009), a crise teve início no mercado hipotecário nos EUA com empréstimos excessivos para investidores que não conseguiam reembolsá-lo. Com o estouro da bolha da hipoteca, as crises se expandiram para todo o mercado financeiro mundial (RASTOGI, 2014). A propagação dessas consequências negativas para a economia mundial foi pelo fato de os Estados Unidos terem grande relevância para o contexto mundial, como também pela amplitude que a globalização comercial e financeira alcançou nos últimos anos (SINGER, 2009).

A revogação das regras de *Bretton Woods* e das leis nacionais propiciou a grande crise mundial de 2008, em que consistiu em ter os mercados financeiros submetidos ao controle dos governos nacionais, resultando também das instabilidades geradas com estas decisões. Desta forma, a regulação mundial da circulação dos capitais que estava em proveito de qualquer público nacional, foi passado a um conjunto de empresas financeiras com fins de lucro e as

quais tem domínio sobre os mercados financeiros globalizados (SINGER, 2009). Conforme Temiz e Gokmen (2009), os consequentes desequilíbrios macroeconômicos que sucederam foram decorrentes da crise, levando a taxas de juros mais baixas, aumento de riscos, e ainda a formação de bolhas de preços de ativos no mundo inteiro.

Essas instabilidades são características de quaisquer mercados livres em que não há uma instância para se conciliar os interesses de vendedores e compradores, ou seja, a troca por dinheiro, mercadorias ou ativos financeiros dependem da vontade dos agentes, da qual devido esta liberdade, os preços e quantidades das mercadorias tendem a oscilar. Essas oscilações podem ser prejudiciais aos agentes, e devido a este fato, a economia política tem buscado impor restrições à essa liberdade. Temiz e Gokmen (2009) argumentam que a instabilidade do mercado também é devido ao fracasso da gestão de riscos para cumprir reformas financeiras, uma vez a circunstância das instituições financeiras assumirem riscos sem evitar riscos sistemáticos se constituiu num caminho para a crise.

Para a prevenção da crise financeira, é necessário que os mercados não sejam governados unicamente por interesses privados de pessoas ou empresas individuais, em que segundo o autor, a intermediação financeira, exercida pelo poder público é importante (SINGER, 2009). Entretanto, se a situação da crise sucede, as empresas podem gerenciar as consequências por meio da prevenção de saturação do mercado ou a superprodução, conforme os autores Girdzijauskas, Streimikiene e Mialik (2012).

Na América Latina, a crise propiciou mudanças nas condições econômicas externas, com uma considerável redução das exportações, queda do crédito externa e significativa diminuição de entradas de investimentos diretos estrangeiros ao Primeiro Mundo. Como consequências desses acontecimentos, o mercado interno dos países da América Latina se contraíram, acarretando desta forma a redução da produção e o aumento do preço e do desemprego, como também abordado por Temiz e Gokmen (2009).

Especificamente no Brasil, no quarto trimestre de 2008, o PIB caiu 3,6%, apesar dos esforços do governo para reduzir os efeitos da crise e substituir os bancos privados por bancos públicos na provisão de crédito a produtores e consumidores. É também perceptível neste período que os investimentos em relação a produção caíram consideravelmente devido a ausência de crédito aos bancos privados e a falta de confiança por parte dos empresários sobre a superação da crise por meio das políticas governamentais (SINGER, 2009).

2.4 Hipóteses

De acordo com a prevalência de custos “pegajosos”, é importante a consideração de um modelo alternativo com a finalidade de se analisar o comportamento dos custos, não somente conforme as mudanças no volume de atividades, mas também à medida que certas circunstâncias sucedem (ANDERSON; BANKER; JANAKIRAMAN, 2003). Em relação aos custos, empiricamente, determinadas pesquisas como de Dechow e Sloan (1991), Graham, Harvey e Rajgopal (2005) constataram que os gestores podem reduzir seus custos com a finalidade de evitar perdas e possíveis reduções de seus lucros.

Em caso de queda de demanda, que propicia choques negativos à indústria, a empresa pode se voltar às vendas de forma a atender às metas de lucros (JIAN; WONG, 2010). Kama e Weiss (2013) argumentam que, na presença de incentivos para cumprir as metas de lucros em situação de queda de vendas, os gestores apresentam maior propensão para cortar os seus recursos, mesmo que essa queda de vendas seja temporária. Graham, Harvey e Rajgopal (2005) também argumentam que quando há diminuição das vendas, os gestores estão mais pressionados em relação as metas de lucros, e com o intuito de alcançar estas metas, a empresa tende a cortar recursos com maior intensidade. Assim, de forma específica, o volume de receita associado às metas de lucros possibilita que a organização suporte e melhore seus

custos de funcionamento, reduzindo a assimetria dos custos (ANDERSON; BANKER; JANAKIRAMAN, 2003). A primeira hipótese da pesquisa está descrita a seguir:

H₁: a Assimetria da Receita de Vendas quando há especificamente incentivos para o cumprimento de metas de lucros, está associada negativamente a Assimetria dos Custos.

Especificamente em períodos de contração econômica, a queda na demanda é mais persistente do que em períodos de crescimento econômico, e devido a esta situação, os gestores tendem a estar mais pressionados em relação às suas metas de lucros, apresentando menor disposição para comprometerem recursos em tempos de crise (ANDERSON; BANKER; JANAKIRAMAN, 2003). Miras, Escobar e Carrasco (2013), esclarecem que devido a presença de crise, o ambiente de negócios se torna incerto, e por consequência força as empresas a reverem as suas prioridades de gerenciamento da liquidez. Assim, segundo Hoogendoorn (2013), especialmente em situação de crise, as empresas necessitam de estratégias com a finalidade de atingirem maiores índices de desempenho.

Desta forma, acredita-se que especialmente em crise, a Assimetria da Receita associada com as metas de lucros nas organizações pode não apresentar o efeito positivo desejável nos custos da empresa, como proposto na primeira hipótese, a qual não considera especialmente a presença de crise econômica para fins de análise. Possivelmente, a associação da Assimetria da Receita com a Assimetria de Custos, mesmo com os incentivos ao cumprimento de metas de lucros, será uma associação positiva especialmente em período de crise, devido aos seus efeitos negativos, como presenciado por exemplo pela crise mundial. Portanto, é apresentada a segunda hipótese:

H₂: a Assimetria da Receita de Vendas quando há especificamente incentivos para o cumprimento de metas de lucros no período da crise mundial, está associada positivamente a Assimetria dos Custos.

Conforme Grewal e Tansuhaj (2001), é difícil prever a extensão, natureza e a duração de uma crise. Por este motivo, é apropriado a estas empresas recorrerem a flexibilidade estratégica, da qual é construída por meio de recursos em excesso e líquidos. Conforme os autores, é uma forma de construir esses recursos está relacionada a folga organizacional. Especialmente Jones e Ostroy (1984) argumentam que os ativos líquidos envolvem custos de mudanças mínimos e que são formas as quais contribuem na ênfase organizacional, na gestão de riscos políticos, econômicos e financeiros. Em situações de crise, os benefícios da adaptação por meio da flexibilidade estratégica, através da disposição de recursos, podem possivelmente superar os ganhos, sendo mais viáveis às empresas (GREWAL; TANSUHAJ, 2001). Assim, a pesquisa se apoia em uma terceira hipótese, de que a Folga Organizacional pode influenciar a Assimetria de Custos quando em situação de crise, a qual geralmente é mais elevada nestas circunstância. Desta forma:

H₃: a Assimetria da Folga Organizacional está associada a Assimetria de Custos especialmente no período da crise mundial.

3 Procedimentos Metodológicos

A pesquisa tem como objetivo verificar se o período de crise mundial influenciou a assimetria dos custos das empresas listadas na BM&FBovespa quando há o cumprimento de metas de lucros, durante o período de 2008 a 2015. Com essa finalidade, será utilizada a

Regressão Linear Múltipla (FÁVERO et al., 2009), para se verificar qual a capacidade explicativa do período de 2008 a 2010 na assimetria dos custos especificamente quando as empresas apresentam incentivos para o cumprimento de metas de lucros. A justificativa para o período de 2008 à 2010 ser considerado como o intervalo temporal da crise é devido aos modelos utilizados nesta pesquisa tratarem de variações, em o ano de 2009, o qual é o ano em que segundo os autores Temiz e Gokmen (2009) especificamente a América seria afetada pela crise mundial, está incluído em dois períodos: 2008 à 2009 e 2009 à 2010.

O estudo é caracterizado como descritivo, pois tem-se a finalidade de entender o fenômeno. A abordagem é quantitativa, pois para a utilização da Regressão é necessário o uso de técnicas estatísticas. Em relação ao levantamento dos dados, utilizou-se a base da Economática. As hipóteses H_1 e H_2 são testadas por meio do modelo de Kama e Weiss (2013). Para verificar a influência do período de crise e da assimetria da receita quando as empresas tem o objetivo de alcançar as metas de lucros, foi considerada uma variável *dummy*, a qual especialmente no modelo multiplica o logaritmo neperiano da Assimetria da Receita de Vendas. Para sua consideração, observa-se os resultados obtidos com a divisão do lucro líquido pelo valor de mercado. Os valores os quais são inferiores ou igual a 0,01, é atribuído o valor de 1 a variável; caso contrário, o valor da *dummy* é zero. A equação 1 de regressão especifica o modelo proposto por Kama e Weiss (2013), o qual é utilizado neste estudo para verificar a conformidade da Hipótese 1.

$$\Delta \ln OC_{it} = \beta_0 + \beta_1 \Delta \ln REV_{it} + \beta_2 EDEC_{it} \Delta \ln REV_{it} + \varepsilon_{it} \quad (1)$$

Para análise da Hipótese 2, foi adicionada uma variável *dummy* relacionada ao período que abrange a crise mundial, e outra a qual se trata da multiplicação desta *dummy* pela Assimetria da Receita de Vendas.

$$\Delta \ln OC_{it} = \beta_0 + \beta_1 \Delta \ln REV_{it} + \beta_2 EDEC_{it} \Delta \ln REV_{it} + \beta_3 CSE + \beta_4 \Delta \ln REV_{it} CSE + \beta_5 EDEC_{it} \Delta \ln REV_{it} CSE + \varepsilon_{it} \quad (2)$$

A Equação 3 tem o intuito de testar a influência da Folga Organizacional na Assimetria dos Custos no período durante a crise (2008 à 2010), e após a crise (2011 à 2015).

$$\Delta \ln OC_{it} = \beta_0 + \beta_1 \Delta \ln REV_{it} + \beta_2 EDEC_{it} \Delta \ln REV_{it} + \Delta \ln REC_{it} + \Delta \ln DC_{it} + \Delta \ln CJ_{it} + \varepsilon_{it} \quad (3)$$

As variáveis que compõem as equações de regressão estão descritas no Quadro 1.

Quadro 1 – Variáveis dos Modelos

Variáveis dependentes			
Símbolo	Variável	Fórmula	Autores
$\Delta \ln OC_{it}$	Assimetria no Logaritmo neperiano dos Custos Totais	$\Delta \ln OC_{it} = \ln OC_{it} - \ln OC_{it-1}$ em que: $OC_{it} = CPV + \text{DespVendas} + \text{DespAdm}$ sendo:	Anderson, Banker e Janakiraman (2003); Kama e Weiss (2013)

		CPV = Custo dos Produtos Vendidos DespVendas = Despesas com Vendas DespAdm = Despesas Administrativas	
Variáveis independentes			
Símbolo	Variável	Fórmula	Autores
$\Delta \ln REV_{it}$	Assimetria no Logaritmo neperiano da Receita de Vendas	$\Delta \ln REV_{it} = \ln REV_{it} - \ln REV_{it-1}$	Anderson, Banker e Janakiraman (2003); Kama e Weiss (2013)
$EDEC_{it}$	Variável <i>dummy</i> , em que para valor inferior ou igual a 0,01, a variável <i>dummy</i> vale 1, e em caso contrário, seu valor passa a ser zero.	$\begin{cases} EDEC_{it}=1; \text{se } \frac{LL}{VM} \leq 0,01 \\ EDEC_{it}=0; \text{se } \frac{LL}{VM} > 0,01 \end{cases}$ em que: LL = Lucro Líquido VM = Valor de Mercado	Kama e Weiss (2013)
CSE_{it}	Variável <i>dummy</i>	As observações pertencentes ao período de 2008 a 2010, a variável <i>dummy</i> vale 1, e em caso contrário, seu valor passa a ser zero.	Nenhum autor
Folga Organizacional: Recuperável			
Símbolo	Variável	Fórmula	Autores
$\Delta \ln REC_{it}$	Assimetria no Logaritmo neperiano dos Recebíveis	$\Delta \ln REC_{it} = \ln REC_{it} - \ln REC_{it-1}$	Bourgeois e Singh (1983); Moses (1992)
Folga Organizacional: Potencial			
Símbolo	Variável	Fórmula	Autores
$\Delta \ln DC_{it}$	Assimetria no Logaritmo neperiano da Dívida Corrente	$\Delta \ln DC_{it} = \ln DC_{it} - \ln DC_{it-1}$	Moses (1992)
$\Delta \ln CJ_{it}$	Assimetria no Logaritmo neperiano da Cobertura de Juros	$\Delta \ln CJ_{it} = \ln CJ_{it} - \ln CJ_{it-1}$	Bourgeois e Singh (1983); Bromiley (1991)

Fonte: Dados da pesquisa

Para determinação da amostra, foram selecionadas algumas empresas da população, de forma que fossem atendidos os pressupostos da regressão como: normalidade, homocedasticidade e multicolinearidade. O total de observações à análise foi de 155 observações.

4 Análise dos Dados

A estatística descritiva, com as Médias e Desvios Padrão (DP) das variáveis são analisados para cada um dos anos, apresentada na Tabela 1.

Tabela 1 – Estatística Descritiva das Variáveis dos Modelos para o período de 2008 à 2015

Anos	lnOC		lnREV		lnREC		lnDC		lnCJ	
	Média	DP	Média	DP	Média	DP	Média	DP	Média	DP

2008	14,02	1,37	14,34	1,27	-1,59	0,73	-0,68	0,82	2,46	1,10
2009	14,17	1,35	14,49	1,20	-1,59	0,74	-0,77	0,88	2,78	0,88
2010	14,40	1,41	14,75	1,20	-1,58	0,76	-0,87	0,79	2,83	0,85
2011	14,58	1,48	14,95	1,24	-1,54	0,75	1,95	2,09	2,56	1,09
2012	14,77	1,43	15,12	1,22	-1,53	0,83	2,24	2,69	2,59	1,18
2013	14,86	1,41	15,19	1,21	-1,59	0,73	1,73	2,03	2,62	1,20
2014	14,98	1,45	15,31	1,23	-1,55	0,70	1,56	1,92	2,58	1,15
2015	15,07	1,48	15,38	1,26	-1,54	0,65	1,36	1,84	2,15	1,09
Mudança nos Anos	$\Delta \ln OC$		$\Delta \ln REV$		$\Delta \ln REC$		$\Delta \ln DC$		$\Delta \ln CJ$	
	Média	DP	Média	DP	Média	DP	Média	DP	Média	DP
2008 à 2009	0,14	0,27	0,15	0,23	0,00	0,52	0,33	0,86	-0,08	0,39
2009 à 2010	0,23	0,35	0,26	0,22	0,01	0,42	0,04	0,84	-0,11	0,43
2011 à 2012	0,20	0,19	0,17	0,15	0,02	0,30	0,29	1,99	0,03	0,34
2012 à 2013	0,09	0,20	0,15	0,19	-0,06	0,48	-0,51	1,36	0,03	0,35
2013 à 2014	0,12	0,16	0,15	0,14	0,04	0,16	-0,17	0,61	-0,04	0,23
2014 à 2015	0,08	0,14	0,13	0,09	0,01	0,27	-0,20	0,54	-0,43	0,39

Fonte: elaborado pelos autores.

Pode se constatar que durante o período de 2008 à 2015 os custos totais das empresas só aumentaram, e de modo similar, a receita de vendas também foi elevado no decorrer dos anos. Além de se observar as médias, outra observação está relacionada com os desvios padrão. Com exceção de 2008 à 2009, no período o qual sucede a crise, em que há uma redução entre as diferenças entre empresas em custos e receita, nos demais anos há um aumento dos desvios padrão, atingindo especialmente no ano de 2015, 1,48 e 1,26 de desvio padrão para custos totais e receita respectivamente.

É perceptível que no período de 2009 à 2010, tanto a Assimetria da Receita quanto a Assimetria dos Custos é maior do que nos demais períodos. Desta forma, percebe-se que no período da crise mundial as empresas tenderam a apresentar maior Assimetria de Custos. Pelos resultados, verifica-se também que após 2010, as assimetrias oscilam, reduzindo de 2011 à 2012, e de 2012 à 2013, elevando de 2013 à 2014, e reduzindo novamente de 2014 à 2015. Esse comportamento é observado na Assimetria de Receitas e na Assimetria de Custos.

Na análise dos índices de Folga Organizacional, verificou-se que o índice de dívidas correntes é negativo no período de 2008 à 2010, ou seja, durante a crise seu índice é negativo. Entretanto, seu índice é elevado após o ano de 2011, apresentando posteriormente valores positivos. Já em relação a assimetria das dívidas correntes, no período de crise é maior do que após a crise. Enquanto no período de 2008 à 2009, o índice de assimetria das dívidas correntes alcançou o valor de 0,33, após o ano de 2012 esse índice passa ser negativo, atingindo -0,51 especialmente no período de 2012 à 2013.

Na análise da relação entre a Folga Organizacional e a Assimetria de Custos, e também da Assimetria da Receita de Vendas e a Assimetria dos Custos Totais, especialmente quando há incentivos para o cumprimento de metas de lucros, foram feitas regressões lineares múltiplas para os Modelo 1 e 2, com o desenvolvimento dos testes estatísticos R^2 , R^2 ajustado, nível de significância dos Modelos, o teste de aleatoriedade de *Durbin-Watson* (DW) e o teste de multicolinearidade Fator de Inflação de Variância (VIF). Tanto DW quanto VIF são pressupostos da regressão, especialmente os valores estatísticos DW necessariamente devem estar próximos a 2, e o VIF o qual é utilizado especificamente para a identificação de possíveis problemas de multicolinearidade, os valores precisam estar abaixo de 10.

Para ambos os Modelos 1 e 2, pode ser constatado que não há problemas de multicolinearidade consideráveis, e ambos também são modelos significantes. O R^2 , o qual atribui a explicação das variáveis independentes na dependente, é parcialmente elevado nos dois Modelos, e desta forma considerável, explicando 52,9% e 66,9% dos Modelos 1 e 2

respectivamente. A Tabela 2 apresenta os resultados da análise do modelo Kama e Weiss (2013) especialmente em empresas brasileiras listadas na BM&FBovespa.

Tabela 2 – Estatística Descritiva das Variáveis dos Modelos para o período de 2008 à 2015

Variáveis	Coeficientes	Significância	VIF
Constante		0,912	
$\Delta \ln \text{REV}_{it}$	0,766	0,000	1,164
$\text{EDEC}_{it} \Delta \ln \text{REV}_{it}$	-0,461	0,000	1,164
R²		0,534	
R² ajustado		0,529	
Durbin-Watson		1,861	
Sig. (ANOVA)		0,000	

Fonte: elaborado pelos autores.

Pela Tabela 2, é possível constatar que a Assimetria da Receita de Vendas, especialmente quando há intenção de cumprir metas de lucros, explica de forma negativa a Assimetria dos Custos Totais. Com isso, a hipótese H_1 : *a Assimetria da Receita de Vendas quando há especificamente incentivos para o cumprimento de metas de lucros, está associada negativamente a Assimetria dos Custos*, é confirmada. Desta forma, esse resultado corrobora com Kama e Weiss (2013), de que os gestores são mais propensos a cumprir metas de lucros, a Assimetria de Custos tende a ser menor pois os gestores fazem mais corte de recursos.

Após a verificação da hipótese H_1 , a hipótese H_2 é testada pelo Modelo 1, separando-se a análise em dois períodos, de 2008 à 2010 e de 2011 à 2015, e também pelo Modelo 2, a qual foi adicionada a variável *dummy* CSE. Na Tabela 3, são registrados os resultados do Modelo 1 para o período de 2008 à 2010, na qual na variação está incluído o ano de 2009 para efeitos de análise, e também para 2011 à 2015, com finalidade de comparar os resultados.

Tabela 3 – Resultado do Modelo 1 para o período de 2008 à 2010 e para 2011 à 2015

	Variáveis	Coeficientes	Significância	VIF
2008 à 2010	Constante		0,450	
	$\Delta \ln \text{REV}_{it}$	0,744	0,000	1,060
	$\text{EDEC}_{it} \Delta \ln \text{REV}_{it}$	0,072	0,399	1,060
	R²		0,584	
	R² ajustado		0,571	
	Durbin-Watson		1,655	
	Sig. (ANOVA)		0,000	
	Variáveis	Coeficientes	Significância	VIF
2011 à 2015	Constante		0,719	
	$\Delta \ln \text{REV}_{it}$	0,831	0,000	1,345
	$\text{EDEC}_{it} \Delta \ln \text{REV}_{it}$	-0,931	0,000	1,345
	R²		0,805	
	R² ajustado		0,802	
	Durbin-Watson		1,901	
	Sig. (ANOVA)		0,000	

Fonte: elaborado pelos autores.

É perceptível mudanças consideráveis nos resultados entre os dois períodos no Modelo 1 ao constatar que no período de 2011 à 2015, após a crise, as variáveis independentes tem maior grau de explicação na dependente, com 80,2%, enquanto a Assimetria de Custos Totais

é explicada 57,1% no período de 2008 à 2010. Este resultado possivelmente está relacionado com o obtido na estatística descritiva, em que se constatou que especialmente nos anos de 2008 e 2009 as diferenças entre as empresas em relação aos seus custos e receitas foi reduzida, tornando-se mais semelhantes no momento em que sucedeu a crise. Além disso, percebe-se que as metas de lucros associadas a Assimetria da Receita só apresenta relação com a Assimetria dos Custos no período de 2011 à 2015, com relação negativa.

Na Tabela 4 podem ser constatados os resultados para o Modelo 2, o qual é uma adaptação de Kama e Weiss (2013), em que se verifica especificamente se há influência da crise mundial na Assimetria dos Custos.

Tabela 4 – Resultado do Modelo 2 para o período de 2008 à 2015

Variáveis	Coefficientes	Significância	VIF
Constante		0,831	
$\Delta \ln REV_{it}$	0,786	0,000	3,083
$EDEC_{it} \Delta \ln REV_{it}$	-0,723	0,000	1,949
CSE_{it}	-0,060	0,297	1,928
$\Delta \ln REV_{it} CSE_{it}$	-0,008	0,927	4,186
$EDEC_{it} \Delta \ln REV_{it} CSE_{it}$	0,465	0,000	1,717
R²		0,678	
R² ajustado		0,669	
Durbin-Watson		1,713	
Sig. (ANOVA)		0,000	

Fonte: elaborado pelos autores.

No Modelo 2, novamente é possível verificar que a Assimetria das Receitas, como também esta especialmente quando há incentivos para o cumprimento de metas de lucros, são os indicadores que estão mais associados com a Assimetria dos Custos Totais. Também deve-se observar que, apesar de o período de crise mundial e a receita juntamente com a crise não estarem diretamente associados significativamente a Assimetria dos Custos, as receitas especificamente associada com os incentivos para o cumprimento das metas de lucros no período de crise é significativo para a Assimetria dos Custos.

Entretanto, enquanto a receita de vendas no momento em que o gestor tem o intento de cumprir as metas de lucros reduz a assimetria dos custos, especialmente na crise mundial, as receitas de vendas associadas aos incentivos para alcançar as metas de lucros nas empresas brasileiras tendem a elevar a Assimetria dos Custos de forma significativa. Conforme este resultado, pode-se confirmar a hipótese H_2 : *a Assimetria da Receita de Vendas quando há especificamente incentivos para o cumprimento de metas de lucros no período da crise mundial está associada positivamente a Assimetria dos Custos*.

Conforme Anderson, Banker e Janakiraman (2003), especialmente em tempo de crise as empresas tendem a evitar o corte de recursos, e devido esta decisão, é possível que há um aumento da assimetria dos custos. Com os resultados obtidos, é possível argumentar que especialmente na crise mundial há maior dificuldade para a redução da Assimetria dos Custos. Para mais evidências, a Tabela 5 registra os resultados com a adição das variáveis de Folga Organizacional, como explicitado no Modelo 3.

Tabela 5 – Resultado do Modelo 3 para o período de 2008 à 2010 e para 2011 à 2015

Variáveis	Coefficientes	Significância	VIF
Constante		0,677	
$\Delta \ln REV_{it}$	0,721	0,000	1,078

	EDEC _{it} Δ lnREV _{it}	0,007	0,929	1,129
	ΔlnREC _{it}	-0,025	0,739	1,029
	ΔlnDC _{it}	0,192	0,019	1,141
	ΔlnCJ _{it}	-0,228	0,004	1,024
	R²		0,679	
	R² ajustado		0,652	
	Durbin-Watson		2,059	
	Sig. (ANOVA)		0,000	
	Variáveis	Coefficientes	Significância	VIF
	Constante		0,598	
	Δ lnREV _{it}	0,810	0,000	1,545
	EDEC _{it} Δ lnREV _{it}	-0,958	0,000	1,604
	ΔlnREC _{it}	-0,080	0,047	1,050
	ΔlnDC _{it}	0,039	0,360	1,194
	ΔlnCJ _{it}	-0,051	0,211	1,099
	R²		0,814	
	R² ajustado		0,807	
	Durbin-Watson		1,860	
	Sig. (ANOVA)		0,000	

Fonte: elaborado pelos autores.

Com os resultados da Tabela 5, é perceptível que a adição das variáveis de Folga Potencial no modelo elevou o grau de explicação das variáveis independentes na dependente. Apesar de novamente se constatar que a assimetria da receita associada aos incentivos para o cumprimento de metas de lucros não é significativo no período de 2008 à 2010, período designado no estudo para analisar a interferência da crise mundial especificamente nas empresas brasileiras, evidencia-se que os indicadores de Folga Potencial são significativos à Assimetria dos Custos nesse período, enquanto que a Folga Recuperável não é significativa.

Em relação a Assimetria das Dívidas Correntes, é possível verificar que estão associadas positivamente a Assimetria de Custos no período de crise mundial. Desta forma, possivelmente em períodos de crise, as organizações devam evitar recorrer a dívidas correntes, pois influenciam na inconstância dos custos das empresas. Assim, os aumentos positivos das dívidas correntes verificados nos anos de 2008, 2009 e 2010, influenciaram que a assimetria positiva dos custos também se elevam nesse período. Entretanto, pode-se verificar outra relação estabelecida entre a Assimetria da Cobertura de Juros e a Assimetria de Custos, verificando-se entre as variáveis um relacionamento negativo. Portanto, a Cobertura de Juros é um indicador que quando usado, possivelmente reduz a Assimetria de Custos.

No período de 2011 à 2015 são obtidos outros resultados em relação a Folga Organizacional associada a Assimetria de Custos. Constatou-se que a Folga Recuperável está associada negativamente a Assimetria de Custos, contudo de maneira fraca. Desta forma, apesar de no período em que sucedeu a crise mundial a Assimetria dos Recebíveis não influenciar a Assimetria de Custos, após a crise possui uma influência negativa, mesmo que fraca quando comparada a Assimetria da Receita. Contudo, no período de 2011 à 2015, não é possível verificar que a Folga Potencial propicia aumento ou diminuição da Assimetria de Custos nas organizações. Assim, a hipótese *H₃: a Assimetria da Folga Organizacional no período da crise mundial, está associada a Assimetria dos Custos*, é aceita.

Portanto, esses resultados indicam que a Folga Potencial é importante em períodos de crise, em que a tendência de adaptação ambiental e reestruturação de custos é mais prevalente. Desta forma, os resultados indicam que menores índices de dívidas correntes e maiores índices de cobertura de juros podem diminuir os efeitos negativos causados pela presença de uma crise mundial na Assimetria dos Custos.

5 Considerações Finais

O presente trabalho teve como objetivo verificar se a Folga Organizacional influenciou a Assimetria dos Custos das empresas listadas na BM&FBovespa especialmente no período de crise. Para esta finalidade, a pesquisa se caracterizou como descritiva, documental e com abordagem quantitativa. A população compreendeu as companhias brasileiras listadas na BM&FBovespa, da qual a amostra foi constituída por 31 empresas, conforme algumas empresas foram excluídas por serem identificadas como *outliers*. O período de investigação compreendeu os anos de 2008 a 2015.

Como principal evidência obtida, verificou-se que a Folga Potencial especialmente no período da crise mundial, influenciou significativamente na Assimetria dos Custos. Contudo, após o período de crise, a Folga Potencial não teve o mesmo impacto sobre a Assimetria dos Custos. Portanto, conforme resultados, as organizações podem atentar mais a Folga Potencial, com o intuito de reduzir os impactos negativos gerados em situações de crise, diminuindo seus índices de dívidas correntes, e com o aumento da cobertura de juros. Em relação a Folga Recuperável, encontram-se resultados opostos a Folga Potencial. Verificou-se que a Folga Recuperável tem impacto, mesmo que fraco, após a crise mundial, em contrapartida que durante a crise a Folga Recuperável não apresentou relevância para a Assimetria dos Custos.

Como resultados adicionais, verificou-se também que a influência da assimetria das receitas, associada com incentivos de gestores para o cumprimento de metas de lucros na assimetria de custos é alterada significativamente no período da crise mundial. Enquanto a associação entre a assimetria das receitas interada com incentivos ao cumprimento de metas de lucros e assimetria de custos é negativa, com a consideração da crise mundial, verificou-se que essa associação torna-se positiva. Portanto, a magnitude de uma crise mundial pode influenciar consideravelmente para o aumento da Assimetria dos Custos. Esse resultado reforça a importância da reestruturação das organizações quando estão diante de uma crise.

O estudo é limitado pelo fato de alguns indicadores de folga serem, por não ser possível alcançar a normalidade de todas à pesquisa. Assim, sugere-se a realização de novos estudos com a ampliação do números de variáveis de Folga Organizacional, como também a replicação do estudo com amostras de outros países.

Referências

ANDERSON, M. C.; BANKER, R. D.; JANAKIRAMAN, Surya N. Are selling, general, and administrative costs “sticky”? **Journal of Accounting Research**, v. 41, n. 1, p. 47-63, 2003.

BOURGEOIS, L. J. On the measurement of organizational slack. **Academy of Management review**, v. 6, n. 1, p. 29-39, 1981.

BOURGEOIS, L. J.; SINGH, Jitendra V. Organizational Slack and Political Behavior Among Top Management Teams. In: **Academy of Management Proceedings**. Academy of Management, 1983. p. 43-47.

BROMILEY, P. Testing a causal model of corporate risk taking and performance. **Academy of Management journal**, v. 34, n. 1, p. 37-59, 1991.

CHENG, J. L. C.; KESNER, I. F. Organizational slack and response to environmental shifts: The impact of resource allocation patterns. **Journal of management**, v. 23, n. 1, p. 1-18, 1997.

- COOPER, R.; KAPLAN, R. S. The promise--and peril--of integrated cost systems. **Harvard business review**, v. 76, n. 4, p. 109-119, 1998.
- DANNEELS, Erwin. Organizational antecedents of second-order competences. **Strategic Management Journal**, v. 29, n. 5, p. 519-543, 2008.
- DECHOW, P. M.; SLOAN, R. G. Executive incentives and the horizon problem: An empirical investigation. **Journal of accounting and Economics**, v. 14, n. 1, p. 51-89, 1991.
- DIMICK, D. E.; MURRAY, V. V. Correlates of substantive policy decisions in organizations: The case of human resource management. **Academy of Management Journal**, v. 21, n. 4, p. 611-623, 1978.
- FÁVERO, L. P. et al. **Análise de dados: modelagem multivariada para tomada de decisões**. Rio de Janeiro: Elsevier, 2009.
- GIRDZIJAUSKAS, Stasys; STREIMIKIENE, Dalia; MIALIK, Andzela. Economic growth, capitalism and unknown economic paradoxes. **Sustainability**, v. 4, n. 11, p. 2818-2837, 2012.
- GRAHAM, J. R.; HARVEY, C. R.; RAJGOPAL, S. The economic implications of corporate financial reporting. **Journal of accounting and economics**, v. 40, n. 1, p. 3-73, 2005.
- GREENLEY, G. E.; OKTEMGIL, M. A comparison of slack resources in high and low performing British companies. **Journal of management Studies**, v. 35, n. 3, p. 377-398, 1998.
- GREWAL, Rajdeep; TANSUHAJ, Patriya. Building organizational capabilities for managing economic crisis: The role of market orientation and strategic flexibility. **Journal of marketing**, v. 65, n. 2, p. 67-80, 2001.
- HOOGENDOORN, Marc. Firm-level entrepreneurship in the Second Great Depression: A quantitative study on the influence of EO on performance in the economic crisis. Umeå School of Business and Economics, 2013.
- JIAN, M.; WONG, T. J. Propping through related party transactions. **Review of Accounting Studies**, v. 15, n. 1, p. 70-105, 2010.
- JOHNSON, H. T.; KAPLAN, R. S. The Rise and Fall of Management Accounting [2]. **Strategic Finance**, v. 68, n. 7, p. 22, 1987.
- JONES, Robert A.; OSTROY, Joseph M. Flexibility and uncertainty. **The Review of Economic Studies**, v. 51, n. 1, p. 13-32, 1984.
- KAMA, I.; WEISS, D. Do earnings targets and managerial incentives affect sticky costs?. **Journal of Accounting Research**, v. 51, n. 1, p. 201-224, 2013.
- MALCOM, R. E. Overhead control implications of activity costing. **Accounting Horizons**, v. 5, n. 4, p. 69, 1991.

MARCH, J. G. et al. **Ambiguity and choice in organizations**. Bergen: Universitetsforlaget, 1976.

MIRAS, M. M.; ESCOBAR, B.; CARRASCO, A. The impact of the economic crisis on the environmental responsibility of the companies. **business world**, v. 17, p. 18, 2013.

MOSES, O. Douglas. Organizational slack and risk-taking behaviour: tests of product pricing strategy. **Journal of Organizational Change Management**, v. 5, n. 3, p. 38-54, 1992.

NOHRIA, N.; GULATI, R. Is slack good or bad for innovation?. **Academy of management Journal**, v. 39, n. 5, p. 1245-1264, 1996.

NOREEN, E. Conditions under which activity-based cost systems provide relevant costs. **Journal of Management Accounting Research**, v. 3, n. 4, p. 159-168, 1991.

NOREEN, Eric; SODERSTROM, Naomi. The accuracy of proportional cost models: evidence from hospital service departments. **Review of accounting Studies**, v. 2, n. 1, p. 89-114, 1997.

PORPORATO, M.; WERBIN, E. Evidence of sticky costs in banks of Argentina, Brazil and Canada. **International Journal of Financial Services Management**, v. 5, n. 4, p. 303-320, 2012.

QUINTAS, Tiza Tamiozzo; BEUREN, Ilse Maria. Abordagens sobre folga organizacional nas pesquisas publicadas em periódicos internacionais: um ensaio teórico. **Revista de Administração da UFSM**, v. 4, n. 1, p. 53-72, 2011.

RASTOGI, Shailesh. The financial crisis of 2008 and stock market volatility—analysis and impact on emerging economies pre and post crisis. **Afro-Asian Journal of Finance and Accounting**, v. 4, n. 4, p. 443-459, 2014.

RUST, K. G.; KATZ, J. P. Organizational slack and performance: the interactive role of workforce changes. In: **Strategic Management Track of the Midwest Academy of Management Conference**. 2002.

SHARFMAN, M. P. et al. Antecedents of organizational slack. **Academy of Management review**, v. 13, n. 4, p. 601-614, 1988.

SINGER, Paul. A América Latina na crise mundial. **Estudos avançados**, v. 23, n. 66, p. 91-102, 2009.

SINGH, J. V. Performance, slack, and risk taking in organizational decision making. **Academy of management Journal**, v. 29, n. 3, p. 562-585, 1986.

TEMIZ, Dilek; GOKMEN, Aytaç. The 2000-2001 Financial Crisis in Turkey and the Global Economic Crisis of 2008-2009: Reasons and Comparisons. **International Journal of Social Sciences and Humanity Studies**, v. 1, n. 1, 2009.